

# POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NO CONTEXTO DOS PAÍSES INTEGRANTES DO MERCOSUL

INTEGRATION POLICIES BETWEEN THE PORTUGUESE AND SPANISH IN THE CONTEXT OF COUNTRIES MERCOSUR MEMBERS

Camila Alves Gusmão<sup>1</sup>  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Edleise Mendes

**RESUMO:** Este artigo traz reflexões sobre as políticas de integração entre o Espanhol e o Português em relação a alguns países do continente sul-americano. Com ações inconsistentes que não valorizavam muito o ensino de línguas estrangeiras e com a priorização apenas do ensino do inglês, por bastante tempo, o Brasil se esqueceu de seus vizinhos latino-americanos, perdendo assim um grande potencial de troca linguística e cultural. No entanto, essa troca começou a ganhar força no início do século XXI, com a parceria de alguns países, principalmente, Brasil e Argentina. Além disso, outro elemento que também contribuiu para essa maior integração foi o fortalecimento do MERCOSUL - Mercado Comum do Sul - e posteriormente a UNASUL - União das Nações Sul-Americanas. Assim, diante dessa maior integração, surgiram também avanços em parcerias institucionais, como a criação da UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana-, abertura de escolas fronteiriças em contextos bilíngues reais entre o Espanhol e o Português, além da lei 11.161/2005 que torna obrigatória a oferta do espanhol nas escolas públicas e privadas nos currículos plenos do ensino médio no Brasil. Diante disso, como reflexo dessas mudanças, originou-se uma grande movimentação na área de ensino do espanhol no Brasil e do português em alguns países da América do Sul, principalmente, Argentina e Uruguai, gerando uma demanda de mercado de profissionais nessas áreas, e consequentemente a abertura de novos cursos de graduação em licenciatura desses idiomas. Com isso, percebe-se que há um processo de mudança que preza por uma maior troca entre o Português e o Espanhol no continente sul-americano e se espera que esse seja só o início de uma grande transformação nesse cenário plurilinguístico e multicultural.

**Palavras-chave:** Políticas Linguísticas; Ensino de Línguas estrangeiras; Ensino de Língua Portuguesa; América Latina

**ABSTRACT:** This article reflects on the integration policies between Spanish and Portuguese languages with regard to some countries from the South American continent. With inconsistent actions that did not value the foreign language teaching and with the prioritization of the English language teaching, Brazil has forgotten its Latin American neighbors, and because of that, it has lost a great linguistic and cultural exchange potential. However, this exchange began to intensify in early XXI century with the partnership between some countries, mainly, Brazil and Argentina. Furthermore, another element that contributed to this integration was the MERCOSUR strengthening - Common Market of the South - and subsequently the UNASUR – [Union of South American Nations](#). So, given this situation, some advances were also felt in institutional partnerships, like the creation of the Federal University of Latin American Integration (UNILA), the opening of border schools in bilingual contexts between Spanish and Portuguese, and the 11.161/2005 law that makes mandatory the offer of the Spanish language in the Brazilian high school curriculum of public and private schools. Accordingly, these aspects originated many changes in both Spanish language teaching in Brazil and Portuguese language teaching in some South American countries, specially in Argentina and Uruguay. These changes have also generated the demand for teachers, and consequently, the opening of new Spanish and Portuguese undergraduate courses. Thus, one can see that there is a process of change that values great interactions between Portuguese and Spanish languages in South American continent and it is hoped that this is just the beginning of a big transformation in this multicultural and multilingual scenario.

**Keywords:** Linguistic Policies; Foreign Languages Teaching; Portuguese Language Teaching; Latin America.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/ILUFBa). E-mail: gusmão.c@gmail.com.

Libertad es el derecho que todo hombre tiene a ser honrado, y a pensar y a hablar sin hipocresía. En América no se podía ser honrado, ni pensar ni hablar. Un hombre que oculta lo que piensa, o no se atreve a decir lo que piensa, no es un hombre honrado [...] Hay hombres que son peores que las bestias, porque las bestias necesitan ser libres para vivir dichosas: el elefante no quiere tener hijos cuando vive preso: la llama del Perú se echa en la tierra y se muere, cuando el indio le habla con rudeza, o le pone más carga de la que puede soportar. El hombre debe ser, por lo menos, tan decoroso como el elefante y como la llama. En América se vivía antes de la libertad como la llama que tiene mucha carga encima. Era necesario quitarse la carga, o morir.

MARTÍ, José. *La edad de oro*.

## 1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho, é interessante retomar a citação de José Martí, grande político, pensador e poeta cubano, que foi o grande inspirador da independência de Cuba em relação aos colonizadores espanhóis. Essa citação foi retirada de um livro que se destina, prioritariamente, a crianças e que, no entanto, traz valores basilares para uma formação crítica e cidadã. Contudo, apesar de ter escrito belíssimos livros e de ser um grande representante da independência cubana, pouco se conhece desse autor aqui no Brasil, assim como muitos outros intelectuais hispano-americanos. Na verdade, esse fato só reforça o que José Martí dizia, no século XIX, em seu livro, que era necessário libertar a América (ressalta-se América Latina<sup>2</sup>) de seu papel submisso e limitado.

José Martí vai ao extremo quando coloca a morte em oposição da liberdade, afinal, para ele, se não tivesse liberdade era melhor morrer. As belas palavras desse autor fazem sentido ainda hoje, século XXI, quando ainda percebemos o distanciamento dos países latino-americanos e o cárcere ainda vivenciado por grande parte da sociedade desse território que vive presa a valores da cultura anglo-saxônica, esquecendo-se, muitas vezes, das grandes riquezas que possuem.

E por considerar que língua e cultura andam de mãos dadas, esse artigo trará algumas reflexões sobre o papel do espanhol no Brasil assim como do português em alguns países da América do Sul, priorizando a Argentina, o Uruguai e o Paraguai que compõem o MERCOSUL que, por questões político-econômicas, fortalece o intercâmbio linguístico.

---

<sup>2</sup>De acordo com Figueiredo (2010), América Latina foi um termo que surgiu, primeiramente, na França, como uma tentativa de reação à crescente dominação da cultura anglo-saxônica. Esse termo ganhou popularidade no movimento panlatinista.

Esse artigo está dividido em três partes. Primeiramente, realizar-se-á uma análise acerca do distanciamento entre o Brasil frente aos países vizinhos, trazendo, principalmente, autores como Ana Pizarro pra fundamentar a discussão. No segundo momento, apresentar-se-á uma breve reflexão sobre o caminho percorrido para uma maior integração linguística entre alguns países da América do Sul e como o cenário geopolítico atual favorece a constituição de uma sociedade plurilíngue. E à guisa de conclusão, abordar-se-ão algumas ações de políticas linguísticas que já estão em prática, favorecendo a aproximação entre o espanhol e o português nos países integrantes do MERCOSUL. Cabe destacar que essas análises são frutos da disciplina “Línguas, Culturas e Literaturas Latino-Americanas”, primeira vez oferecida, em 2013, pelo curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

## **2 O BRASIL E SEUS VIZINHOS: PRÓXIMOS, PORÉM DISTANTES**

Pode-se dizer que o desconhecimento sobre a obra e vida de José Martí por grande parte dos brasileiros reflete um pouco do distanciamento em que vivem os povos latino-americanos. E ressalta-se, nessa relação, a distância do Brasil, país que possui como língua oficial o português, destoando da maioria dos países vizinhos. Ana Pizarro (2006) destaca muito bem esse distanciamento quando divide a América Latina em áreas culturais, sendo o Brasil uma delas, a qual “sabemos que ela existe, mas não a tocamos”, dizia Pizarro (2006) e ainda afirma:

Trata-se do Brasil, que, em si mesmo, articula uma série de subáreas. Historicamente a relação com o Brasil constituiu uma espécie de grande parêntese na América Hispânica e, ainda que em menores proporções, creio eu, o mesmo ocorreu no sentido inverso [...] ignoramos uma cultura de enorme riqueza e pluralidade que ocupa a metade do continente, ignoramos o universo imaginário de quase 200 milhões de pessoas e, no entanto, queremos falar com propriedade da América Latina (PIZARRO, 2006, p 97).

Com essa afirmação, Pizarro (2006) deixa claro o “buraco” existente entre o Brasil e os outros países hispano-americanos e mostra como essa relação é recíproca. Além disso, cabe destacar que, por muito tempo, o Brasil não estava incluído no termo “América Latina”, isso aconteceu porque, inicialmente, esse termo era usado apenas para os países já republicanos da América central e do sul, enquanto o Brasil ainda era império (CAICEDO, 1991, apud

FIGUEIREDO, 2010, p. 44). Essa classificação só refletia o distanciamento que, por muito tempo, perseguiu o Brasil e sua relação com os países vizinhos. Mas por que essa condição perdurou tanto? Primeiramente, por causa da rivalidade das metrópoles (Portugal e Espanha) na época da colonização, além disso, esses “dois lugares” experimentaram processos diferenciados de domínio colonial, tendo tido a Espanha, empreendedor mais católico e bélico, bastante dificuldade em lidar com as diferenças culturais encontradas no espaço latino, situação não vivenciada por Portugal que já tinha mais experiência com o contato e colonização de diversas culturas, a exemplo de alguns territórios da Ásia. No entanto, cabe ressaltar que isso não quer dizer que não tenha havido grandes embates aqui no Brasil. É fato que manifestações contra o império existiram, mas não foram tão violentas e duradouras quanto no restante da América<sup>3</sup>. Ainda assim, vale destacar um fator fundamental e, para alguns, preponderante dessa separação: a língua. Assim, as línguas espanhola e portuguesa, apesar de terem raiz latina e, por isso, serem tão próximas linguisticamente, são símbolos sociais/culturais diferentes.

Ao tratar da América Latina como um espaço dialógico de línguas, não se pode deixar de destacar que tanto o Brasil quanto os outros países da América do Sul e central possuem diversos idiomas que são falados por sua população. É necessário evidenciar isso no momento em que temos que reafirmar o valor de todas as línguas faladas no território latino-americano, seja ela indígena ou não, pois sabemos que cada língua carrega consigo a cultura de um povo, a história de um lugar e as ideologias dos sujeitos. No entanto, nesse momento, trataremos apenas do espanhol e do português, tentando mostrar o espaço que essas duas línguas ocupam na América Latina, principalmente entre os países integrantes do MERCOSUL.

### 3 O CAMINHO PERCORRIDO... RUMO A UM MAIOR DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Percebe-se, claramente, que a América Latina é plural no quesito linguístico/cultural. Isso pode ser afirmado quando verificamos que há diversas línguas consideradas oficiais dentro desse território. Além do português e do espanhol, tem-se ainda o francês e as línguas indígenas como o Quéchua (oficial na Bolívia e Peru), Aymará (Bolívia), Guaraní (Paraguai) entre outras línguas. Contudo, as línguas que contêm maior número de falantes são o

---

3PIZARRO, A. Áreas culturais na modernidade tardia. In: *O sul e os trópicos ensaios da cultura latino-americana*. EDUFF: Rio de Janeiro, 2006, p. 95 – 112.

*POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NO CONTEXTO DOS PAÍSES INTEGRANTES DO MERCOSUL*

português e o espanhol<sup>4</sup>. Tomando como referência a América do Sul e Central, a língua portuguesa é idioma oficial apenas no Brasil. Em 2010, a população brasileira que tinha o português como primeira língua era de mais de 190 milhões de pessoas<sup>5</sup>. Enquanto isso, 19 países integrantes da América Latina têm como língua oficial o espanhol, o que atribui a essa língua mais de 400 milhões de falantes só no território latino-americano. Daí já se percebe o potencial linguístico desses dois idiomas.

No entanto, apesar de serem línguas importantes para o cenário político-econômico mundial, a integração desses dois idiomas dentro do território latino-americano sempre deixou a desejar. Isso advém, principalmente, desse diálogo precário que insistiu em fazer parte da história do Brasil com os outros países da América Central e do Sul. Como afirma Masello (2009), “A maioria dos países ‘latinoamericanos’ [*sic*] se formaram, do ponto de vista ideológico, como nações homogêneas e monolíngues apesar de suas realidades históricas e sociolinguísticas múltiplas [...]”. Essa visão contribuiu, tanto para a invisibilidade das línguas indígenas, quanto para o afastamento do português e do espanhol, mesmo em zonas fronteiriças. No Brasil, por exemplo, durante o período das ditaduras Vargas (1937 - 1945) e militar (1964 - 1984), pregou-se fortemente a ideia de “uma língua, um povo, uma nação”, criando uma cultura de valorização do monolinguismo, o que dificultava, inclusive, políticas linguísticas de valorização do ensino de línguas estrangeiras. E quando se falava de ensino de línguas estrangeiras no Brasil sempre se pensava no ensino de línguas mais prestigiadas socialmente no cenário internacional, como o francês, língua mais estudada no Brasil no início do século XX<sup>6</sup>, ou o inglês, deixando o espanhol sempre de lado, apesar de seus países vizinhos.

Como afirma Márcia Paraquett, quando diz que a “presença/ausência do espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil foi marcada por um percurso que confirma a falta de compromisso com uma política que, de fato, tenha se dedicado à construção de uma relação

---

4 Pode-se acrescentar a essa lista também o inglês, bastante presente em alguns países do Caribe e da América Central.

5Fonte> <http://www.infolatam.com.br/2013/01/24/as-linguas-da-america-latina-e-sua-importancia-no-mundo-espanhol-portugues-e-linguas-indigenas/>.

6 VANDRESEN, Paulino. A expansão do português na América latina. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua portuguesa*, n° 39, 2009, p. 185-195.

dialética entre o Brasil e os países hispânicos”(PARAQUETT, 2006, p. 117). Essa situação vem melhorando com o passar do tempo, depois de algumas intervenções políticas.

No entanto, esse contexto favoreceu o aprendizado da língua inglesa, tornando esse idioma o preferido entre os brasileiros, quando assume a sua hegemonia linguística depois da segunda guerra mundial com a derrota da Alemanha e com a prosperidade econômica dos Estados Unidos. Sobre isso, destaca Paraquett (2006):

Em 1961 e 1971, são assinadas as respectivas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), onde não se especifica a língua estrangeira a ser estudada nas escolas, deixando-se essa escolha para as instituições, que deveriam privilegiar, pelo menos, uma língua estrangeira moderna. Portanto, nunca houve indicação direta e objetiva de nenhuma língua estrangeira moderna para o currículo escolar brasileiro, o que nos leva a concluir que a presença quase exclusiva do inglês, por muitos anos e em muitas instituições públicas e privadas, é o resultado de uma política de hegemonia linguística que está além das leis brasileiras. Pode-se encontrar explicação para essa hegemonia no (falso) caráter utilitário que essa língua tem no imaginário da classe média brasileira e que, de certa forma, repete o discurso ideológico e econômico que vem crescendo desde a metade do século XX. Portanto, a maciça presença do inglês não está relacionada à obrigatoriedade legal, mas sim a questões de ordem sociolinguística (PARAQUETT, 2006, p. 126).

Podemos afirmar, todavia, que o governo brasileiro tem sua parcela de responsabilidade na contribuição da hegemonia do inglês, quando se omite em relação ao incentivo do ensino do espanhol nas instituições educacionais brasileiras, ignorando o fato de o espanhol ser o idioma oficial de grande parte dos países que possuem fronteira com o Brasil.

Esse cenário começa a mudar dentro do território latino-americano com o início do MERCOSUL - Mercado Comum do Sul- criado em 1991, com o objetivo de instituir uma zona de livre comércio entre o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai (e posteriormente a Venezuela, em 2012). E com a criação da UNASUL - União das Nações Sul-Americanas - oficializada em 2008, que visa fortalecer as relações políticas, econômicas, culturais e sociais entre os doze países<sup>7</sup> da América do Sul. Além disso, como afirma Gilvan Müller de Oliveira, as mudanças trazidas pelo novo capitalismo *Just in time*<sup>8</sup>também favoreceram para um novo

---

7São eles Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela

8 Para Oliveira (2010), o capitalismo *Just in time* representa uma nova forma de pensar as diversas organizações de trabalho, levando em consideração outros espaços, além da fábrica (grande símbolo do trabalho e do capitalismo), como as escolas e até os órgãos públicos. Essa “nova economia” se opõe às práticas do capitalismo fordista, predominante na década de 70.

reposicionamento linguístico no cenário mundial, fortalecendo, cada vez mais, a ideia de cenários linguísticos plurais para a permanência de um circuito de produção.

Podemos chamar a nova economia, então, de ‘modo de produção por meio da comunicação’, em que a comunicação é insumo central de produção. Se isso procede, temos então repercussões diretas sobre o lugar das línguas e mais, sobre as próprias línguas: o novo modelo comunicativo condiciona o status e o corpus das línguas [...]. Estes permanentes rearranjos dos mercados linguísticos, dados pela mudança rápida de contextos para o ingresso e a permanência das línguas nos circuitos de produção, seja em espaços sub-nacionais, seja no âmbito dos países, sejam novos blocos econômicos e políticos, nos permitem entender melhor as políticas linguísticas em curso e direcionam nosso olhar para o que poderíamos chamar de *reposicionamento* dos centros de gestão de língua (OLIVEIRA, 2010, p. 24 -25).

Dessa forma, percebe-se também que o próprio desenvolvimento tecnológico com a internet e a televisão digital, ou seja, o surgimento de novas formas de comunicação patrocina um panorama que necessita de estímulo plurilinguístico, o que ocasionou o reposicionamento e a valorização de algumas línguas antes esquecidas. Assim, Oliveira (2010) destaca:

Essa nova posição só foi possível com negociações em nível de Estado, e estas negociações só foram bem-sucedidas porque foram precedidas de mais de uma década de aproximação econômica, em que o espanhol e o português entraram paulatinamente no circuito produtivo dos dois países líderes do Mercosul, Argentina e Brasil, tornando-se alternativa validada como língua estrangeira (OLIVEIRA, 2010, p. 27).

No cenário latino-americano, o contexto não foi diferente. Devido às necessidades econômicas e políticas trazidas, principalmente, pelo MERCOSUL, o papel do português e do espanhol mudou, fortalecendo a ideia de que a construção de cenários plurilíngues se faz necessária na conjectura geopolítica atual.

#### **4 MERCOSUL: O LUGAR DIALÓGICO ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS**

Como prova desse novo posicionamento sociolinguístico, depois de longas negociações, o português, finalmente, tornou-se língua de oferta obrigatória nas escolas secundárias da Argentina, através da lei 25.181, sancionada em dezembro de 2008. Por essa lei, a oferta da língua portuguesa é obrigatória, mas de caráter optativo para os estudantes, e o prazo estabelecido para que as instituições educacionais alcancem essa obrigatoriedade será o ano de 2016.

ARTÍCULO 1º.- Todas las escuelas secundarias del sistema educativo nacional en sus distintas modalidades, incluirán en forma obligatoria una propuesta curricular para la enseñanza del idioma portugués como lengua extranjera, en cumplimiento de la ley 25.181. En el caso de las escuelas de las provincias fronterizas con la República Federativa del Brasil, corresponderá su inclusión desde el nivel primario.<sup>9</sup>

É importante destacar que a lei prevê a inclusão do português desde o primário, no currículo escolar das escolas fronteiriças da Argentina com o Brasil, fazendo com que as crianças, caso queiram, já tenham acesso a esse idioma. Como consequência dessa lei, surgiram diversos projetos relacionados à formação de professores de português na Argentina, conforme previsto no artigo 5, o que fez com que docentes se interessassem mais pela área em questão.

ARTÍCULO 5º -El Instituto Nacional de Formación Docente, de conformidad con lo establecido en el artículo 139 de la Ley N° 26.206 elaborará e implementará un plan plurianual de promoción de la formación de profesores en idioma portugués, para el período 2008-2016, incluyendo un esquema de formación continua en servicio, de aplicación progresiva, para la enseñanza del portugués<sup>10</sup>.

No entanto, na conjuntura capitalista, as decisões não são tomadas por mera simpatia e sim por reciprocidade, afinal, da mesma forma que o português se tornou obrigatório nas escolas argentinas, o espanhol também começou a ser ofertado obrigatoriamente para os alunos do nível fundamental das escolas brasileiras. A lei brasileira 11.161, de 2005, estabelecia a oferta obrigatória do espanhol nas escolas brasileiras até 2010, no entanto, destaca-se que ela não obriga o ensino do espanhol e, sim, que ela seja oferecida, sendo assim, é o aluno quem escolhe se quer ou não estudá-la.

Esse cenário favoreceu, principalmente, para o fortalecimento, tanto do português (no contexto argentino), quanto do espanhol (no contexto brasileiro). Dessa forma, o que aconteceu com o português na Argentina contribuiu para que novos cursos de licenciatura fossem abertos, assim como o surgimento de novos acordos de formação de professores entre os dois países. Com isso, cabe destacar também o Projeto Escola Intercultural Bilingue de Fronteira (PEIBF) nas regiões fronteiriças entre o Brasil e a Argentina. Esse projeto, criado em 2005, prevê o intercâmbio de professores, de ambos os países, e o planejamento em

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://infoleg.mecon.gov.ar/infolegInternet/anexos/145000-149999/149451/norma.htm>.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://infoleg.mecon.gov.ar/infolegInternet/anexos/145000-149999/149451/norma.htm>.



*POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NO CONTEXTO DOS PAÍSES INTEGRANTES DO MERCOSUL*

conjunto das aulas. Destaca-se que não é um ensino de língua estrangeira de espanhol ou português, mas sim o ensino em língua estrangeira, em um ambiente de bilinguismo real<sup>11</sup>.

Vale ressaltar também que, no Paraguai, aconteceu um fenômeno semelhante. As atividades econômicas e culturais incentivaram os contatos comerciais e culturais nas zonas fronteiriças e também no interior do Paraguai onde há os “brasiguaios” que possuem um falar característico. Isso elevou o interesse na aprendizagem da língua portuguesa, intensificando os contatos linguísticos interculturais entre o português e o espanhol<sup>12</sup>.

Além disso, essa união colaborou para que o Uruguai também abrisse sua primeira licenciatura em língua portuguesa, a partir de 2009, nas cidades de Montevideu e Rivera. Essas iniciativas são importantes para o processo de formação de professores especializados no ensino de português como língua estrangeira, fornecendo pessoas mais capacitadas para o auxílio do mercado educacional nessa área.

O fortalecimento da língua portuguesa nesses países foi recíproco ao ensino de espanhol no Brasil. Essas medidas fizeram com que diversas universidades brasileiras ampliassem as vagas dos cursos de licenciatura de espanhol, além de promover um maior consumo de materiais didáticos produzidos nessa língua. Como destaca Vandresen (2009):

No Brasil, onde já havia licenciatura em português/espanhol, os acordos do Mercosul, auxiliados por *lobby* de grandes investidores espanhóis, ensejou um desenvolvimento extraordinário de licenciaturas em espanhol e a adoção do espanhol em escolas de ensino fundamental e médio. A LDB/1996 estabeleceu o ensino de duas línguas estrangeiras nos currículos escolares e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN/LE/1998 sugeriram o ensino do inglês por ser língua internacional e o espanhol por causa dos acordos do Mercosul e da facilidade de aprendizagem para o aluno brasileiro (VANDRESEN, 2009, p. 193).

Esse novo posicionamento do espanhol na cultura brasileira também acarretou em uma nova postura da Argentina frente à produção de materiais didáticos e à gestão do espanhol no mundo, como ratifica Oliveira (2010). Isso fez com que a Argentina se tornasse um “[...] agente de política linguística externa, disputando mercados com a Espanha [...]” (OLIVEIRA, 2010, p.29). Isso pode ser comprovado com o CELU - Certificado de Espanhol Língua e Uso - que se assemelha ao Celpe-Bras (Certificado de Língua Portuguesa do Brasil). Anteriormente, o único certificado de Espanhol reconhecido pelo MEC era o DELE -

<sup>11</sup>Ver o site do MEC. Disponível em: [www.portal.mec.gov.br/escoladefronteira](http://www.portal.mec.gov.br/escoladefronteira).

<sup>12</sup>VANDRESEN, Paulino. A expansão do português na América latina. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua portuguesa*, n° 39, 2009, p. 185-195.

Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira - que é do Ministério da Espanha. No entanto, hoje, a depender da região, o CELU é mais aplicado que o DELE. Essas iniciativas contribuem para o aumento da confiança no ensino dessas línguas no contexto latino-americano.

E os avanços para um maior diálogo entre essas duas línguas não param por aí. Em 2010, foi criada a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)<sup>13</sup>, um grande passo para o fortalecimento da integração entre os países latino-americanos, consequentemente, de um intercâmbio cultural/linguístico.

É fato que a construção de uma identidade latino-americana ainda está em processo. Por muito tempo, foi alimentado um sentimento de isolamento entre esses países, fazendo com que eles sempre olhassem para a Europa e Estados Unidos como símbolos do desenvolvimento. No entanto, o território que abrange a América Latina necessita ter uma postura diferente, valorizando sua imensa diversidade cultural, linguística e riqueza geográfica. Vemos que essa postura começou a ser tomada e fortalecida depois da criação do MERCOSUL e de outras ações que se iniciaram a partir do século XXI, mas ainda é necessário dar passos mais largos para a obtenção dessa conquista. Quanto ao cenário linguístico, percebe-se claramente uma maior integração entre o português e o espanhol, além da valorização de algumas línguas indígenas. Contudo, como afirma Canclini, “El punto de avance clave para fortalecer la participación social debiera ser la construcción, semejante a la ocurrida en la integración europea, de una ciudadanía latinoamericana” (CANCLINI, 2002, p. 98).

E encerraremos esta análise com uma nova citação de José Martí ao se referir ao grande Simón Bolívar<sup>14</sup>, dizia ele:

Bolívar era pequeño de cuerpo. Los ojos le relampagueaban, y las palabras se le salían de los labios. Parecía como si estuviera esperando siempre la hora de montar a caballo. Era su país, su país oprimido, que le pesaba en el corazón, y no le dejaba vivir en paz. La América entera estaba como despertando. Un hombre solo no vale nunca más que un pueblo entero; pero hay hombres que no se cansan, cuando su pueblo se cansa [...] (MARTÍ, 2011, p. 12).

---

<sup>13</sup>Ver o site da UNILA. Disponível em: [www.unila.edu.br](http://www.unila.edu.br)

<sup>14</sup>Simón Bolívar foi militar e um influente político venezuelano. Junto com José Martín, foi um dos líderes das guerras a favor da independência das colônias espanholas. Contribuiu para a independência de países como a Bolívia, Venezuela, Colômbia, Equador e Peru.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história da América Latina apresenta muitas semelhanças, mas dentro dessas semelhanças se encontram inúmeras diversidades. E é assim que se está dando o desenvolvimento desse grande território. Apesar da proximidade geográfica, sempre houve um distanciamento entre o Brasil e os demais países latino-americanos, e o maior símbolo desse distanciamento foi a língua: o Brasil, um gigante falante de português, a América Latina, falante de espanhol (em sua maioria, e sem levar em conta as diversidades linguísticas e culturais de ambos os territórios).

No entanto, e por uma necessidade econômica, a integração entre esses territórios começou a se tornar realidade quando o MERCOSUL e a UNASUL foram criadas. Cabe destacar que diante da grandiosidade desse território que abrange a América Latina, essas duas iniciativas ainda são meros rascunhos de uma política de integração verdadeira, mas já é o primeiro passo, principalmente, se avaliarmos que foram iniciativas como essas que serviram para enfraquecer o projeto da ALCA – Área de livre comércio das Américas – liderado pelos Estados Unidos.

Assim, ao abordar fatores culturais, não se pode deixar de tratar também de fatores linguísticos. O português e o espanhol, línguas predominantes nesse território, por muito tempo pareceram rivais. Mas, hoje em dia, refletindo a integração econômica e política de alguns países, pode-se dizer que há um maior diálogo entre esses dois idiomas.

Isso é comprovado com iniciativas como as escolas bilíngues de fronteira, os projetos de intercâmbio cultural entre professores, além da criação de novos cursos em licenciatura em espanhol e em português como língua estrangeira, além, é claro, da criação da UNILA.

Todas essas iniciativas refletem uma nova conjectura vivida pela América Latina. E espera-se que essa realidade ainda se fortaleça muito mais, visando uma real e maior integração entre os países considerados dessa região. Não se pode deixar de destacar o papel do Brasil, país que, por muito tempo, renegou essa identidade, mas que agora vem assumindo uma postura de liderança, principalmente, no movimento de integração.

Desse modo, não se pode esquecer que as políticas linguísticas em relação à integração do português e do espanhol ainda estão muito reduzidas e contam com maior apoio dos países pertencentes ao MERCOSUL. Seria de suma importância que se desse uma integração plena entre esses dois idiomas a fim de facilitar a relação linguística e cultural em proporções

continentais, para que assim se fortalecessem outros projetos, como o de escolas bilíngues, programas de leitorados e intercâmbio entre professores de línguas.

Assim, apesar de ainda termos muito caminho a percorrer, percebe-se que já avançamos um pouco para um espaço de diálogo e integração, seja linguística, cultural ou econômica. E como sonhar ainda é de graça, fica o desejo de ainda se vivenciar uma América Latina bilíngue em português e espanhol, onde se falar essas duas línguas seja tão natural quanto compartilhar experiências culturais nesse vasto e rico território.

## REFERÊNCIAS

*As línguas da América latina e sua importância no mundo: espanhol, português e línguas indígenas*. Disponível em:> <http://www.infolatam.com.br/2013/01/24/as-linguas-da-america-latina-e-sua-importancia-no-mundo-espanhol-portugues-e-linguas-indigenas/>. Acesso em: 13 março 2014.

CANCLINI, N. G. Escenarios de un latinoamericanismo crítico. In: *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. PAIDÓS: Buenos Aires, 2002, p. 93-107.

*Escola de fronteira*. Disponível em: [www.portal.mec.gov.br/escoladefronteira](http://www.portal.mec.gov.br/escoladefronteira). Acesso em 15 março 2014.

FIGUEIREDO, E. O conceito de América latina. In: *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. 7Letras: Rio de Janeiro, 2010.

MARTÍ, J. *La edad de oro*. Editorial Pueblo e educación, 2011.

MASELLO, L. *Construir o PLE nos países: abertura de caminhos para o ensino de português no Sul da América Latina*. In: VIII Congresso Internacional de Português Língua estrangeira - CONSIPLÉ, 2009, Ouro Preto. Caderno de resumos do VIII Congresso Internacional de Português Língua estrangeira - CONSIPLÉ, 2009.

OLIVEIRA, G. M. de. O lugar das línguas: A América do Sul e os mercados linguísticos na nova economia. In: *Synergies Brésil*, nº 1, 2010, p. 21 – 30.

PARAQUET, M. As dimensões políticas sobre o ensino da língua espanhola no Brasil: tradições e inovações. In: MOTA, K. SCHEYERL, D. *Espaços lingüísticos: resistências e expansões*. Salvador: EDUFBA, 2006.

*POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NO CONTEXTO  
DOS PAÍSES INTEGRANTES DO MERCOSUL*

PIZARRO, A. Áreas culturais na modernidade tardia. In: *O sul e os trópicos ensaios da cultura latino-americana*. EDUFF: Rio de Janeiro, 2006, p. 95 – 112.

REPÚBLICA ARGENTINA. Ley 26.468. Disponível em: <http://infoleg.mecon.gov.ar/infolegInternet/anexos/145000-149999/149451/norma.htm>  
Acesso: 24 maio 2015.

VANDRESEN, Paulino. A expansão do português na América latina. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua portuguesa*, nº 39, 2009, p. 185-195.

UNASUL. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/america-do-sul-e-integracao-regional/unasul>. Acesso: 15 março 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Disponível em: [www.unila.edu.br](http://www.unila.edu.br). Acesso: 16 março 2014.